

INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA CCDR-N NO FÓRUM I+D+i “ESPAÇOS EUROPEUS TRANSFRONTEIRIÇOS”, 3 DE FEVEREIRO DE 2009 | VIGO

Exma. Sra. Ministra da Ciência e Inovação

Exmo. Sr. Alcalde de Vigo

Exmo. Senhor Secretário-Geral das Relações Exteriores da Xunta da Galiza

Exmo. Sr. Representante da Comissão Europeia

Senhoras e Senhores convidados

A Ciência, a tecnologia e a inovação, são universalmente reconhecidos como as fontes mais seguras de progresso, pelo menos material das nações, dos continentes e das regiões. Talvez seja a única esfera da actividade humana em que a palavra “progresso”, despojada da retórica quase redentora do Século das Luzes, ainda faz sentido e preserva alguma pertinência.

Peso as palavras, mas não hesito em dizer que a Ciência liberta. Tal não significa que a Ciência tenha um valor superior a outras manifestações do génio humano, nem tão pouco que seja uma fonte de “sagesse” ou inspiradora de uma arte de viver – essa é uma outra questão. Há mesmo quem prefira olhar com nostalgia as sociedades do passado pré-industriais ou as sociedades arcaicas e as idealize. E que admiráveis narrativas podem inspirar! Quem ler o Nobel da Literatura 2008 J.M.Clézio, poderá confirmá-lo.

Mudemos de discurso, afirmando a categoricamente – para além de todas as controvérsias filosóficas – que hoje em dia quem não investe na Ciência e na inovação fica irremediavelmente para trás. Não é necessário recorrer ao brevíário da “Estratégia de Lisboa” para o perceber.

A este fenómeno não poderão ficar alheias as regiões e os espaços transfronteiriços europeus. E logo, em primeiro lugar, a euroregião Norte de Portugal/Galícia. Qualquer uma destas duas regiões tem hoje o seu sistema científico e tecnológico e o seu sistema regional de inovação, aliás encorajados a partir do

Livro Verde sobre a Inovação, oriundo da Comissão Europeia e por documentos posteriores que têm encorajado as políticas regionais de inovação e Ciência.

Seria mesmo paradoxal que a euroregião Norte de Portugal/Galícia tivesse demonstrado até à data um reconhecido pioneirismo e capacidade de inovação institucional e política nas suas relações mútuas, e não fosse capaz de dar provas da mesma capacidade no âmbito da inovação propriamente de natureza tecnológica e científica.

Não será mesmo a disponibilidade para fazer ciência e inovação em comum ou em complementaridade o mais decisivo teste que a euroregião vai ter que desenvolver nos próximos tempos? Assim o creio. Só assim as duas regiões podem reforçar, com as recíprocas vantagens, a proximidade geográfica e a crescente integração dos seus territórios e economias. De facto, a proximidade geográfica, como é o caso dos espaços transfronteiriços - mesmo num mundo globalizado e entretecido pelas Tecnologias da informação e da comunicação - continua a ser um dos factores mais importantes a favor dos intercâmbios científicos, culturais, comerciais, que promovem os processos de inovação e, por conseguinte, a competitividade.

A rapidez da inovação tenderá a intensificar-se: o ciclo que vai da criação à produção e à comercialização tende a reduzir-se incessantemente. A esperança de vida das marcas será cada vez mais limitada. Estaremos perante uma espécie de “mercantilização do tempo” como escreveu Jacques Attali?

Tendo acompanhado a cruzada que o Governo liderado por Emílio Pérez Touriño vem fazendo pelo I+D+I no âmbito da Comunidade Galega, felicito-o vivamente pelos avanços alcançados e pelas novas metas estabelecidas. Confesso aqui um pequeno pecado de inveja, que espero me seja perdoado: também na Região Norte adoptámos uma estratégia e um programa de inovação semelhante e com metas idênticas, mas não dispomos da latitude de meios próprios da Junta, apenas dos instrumentos financeiros oriundos dos fundos estruturais.

O ministro português da Ciência, Prof. Mariano Gago, disse há dias, no Porto: “O atraso científico português está superado (...)”. De facto, atingiu-se em 2007 o nível de gastos em ciência de 1.18% do PIB português e o corpo científico formado nos últimos vinte anos é jovem, em boa parte feminino, e é reconhecidamente criativo. Mais ainda: Portugal passou da posição 22 para a 17 no “ranking” dos países com capacidade inovadora, integrando agora o escalão do grupo chamado dos moderadamente inovadores.

O Norte acompanhou este avanço e possui um considerável potencial científico e tecnológico. Para a região o imperativo é agora “inovar ou morrer”. Queremos, no entanto, para isso, juntar forças e energias coma Galiza. O ideal seria podermos agregar, integrar e explorar complementaridades, cooperando em determinado ramos da ciência e segmentos de inovação. Desde as pequenas e múltiplas experiências até aos grandes projectos como o Instituto Ibérico de Nanociências, abrem-se mil portas e janelas...Urge cooperar no domínio dos Parques de Ciência e Tecnologia e na constituição de “clusters” euroregionais.

Os espaços transfronteiriços e as euroregiões devem reivindicar – na reorientação dos fundos e auxílios europeus para 2013-2020 – uma maior fatia para a ciência e inovação e uma participação mais directa no acesso aos programas científicos e tecnológicos europeus. Também, neste capítulo, é urgente uma nova geração de programas.

O futuro da Europa e dos europeus está agora mais do que nunca dependente dos seus laboratórios, sábios e centros de investigação. Se assim for as regiões agradecem.

Muito obrigado

Carlos Lage

Vigo, 3 de Fevereiro de 2009